



Vista aérea | s/escala
Base cartográfica: Voo 2007

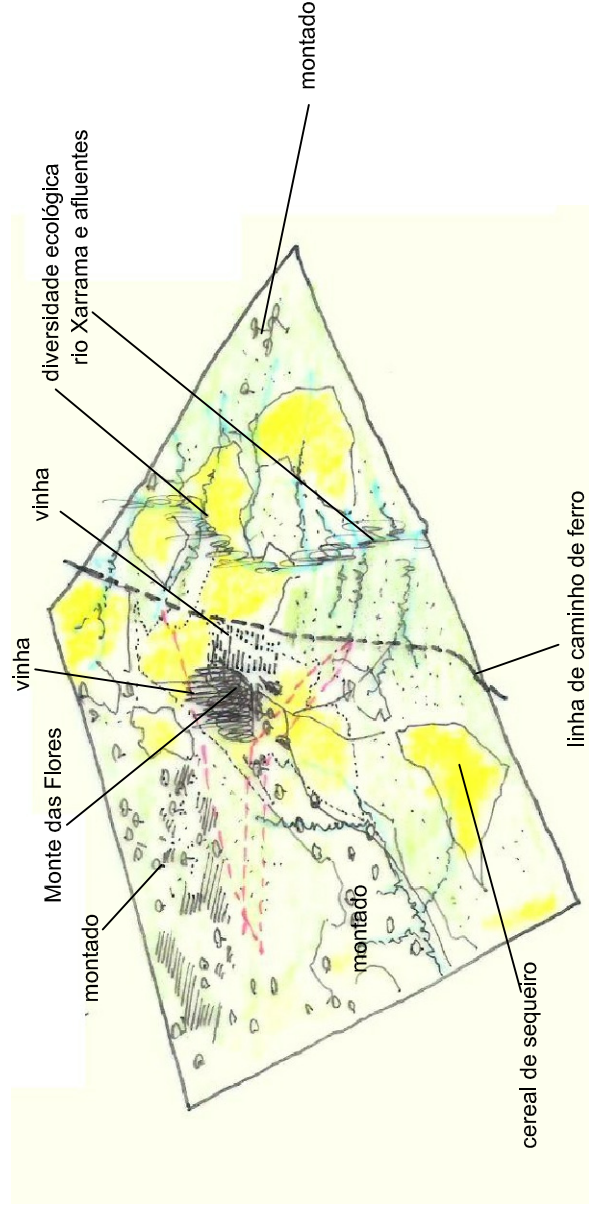


Diagrama esquemático da paisagem envolvente à Herdade do Monte das Flores | 1890 (s/ escala)
Base cartográfica: Carta de Pery (1890)

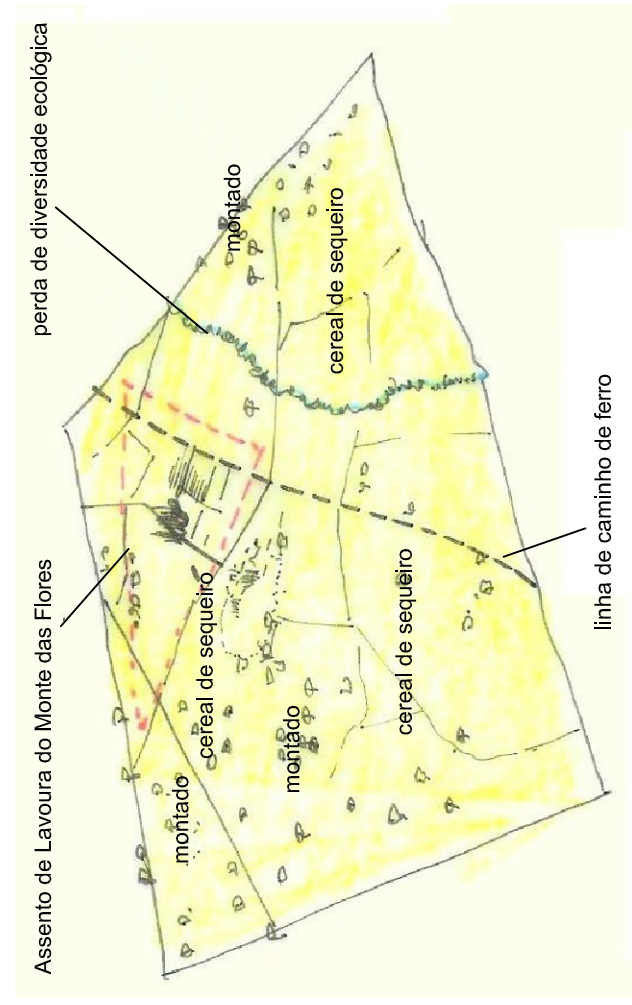


Diagrama esquemático da paisagem envolvente à Herdade do Monte das Flores | temporalidade do trigo (s/ escala)

A Herdade do Monte das Flores era “*uma das mais importantes propriedades de todo o Alentejo (...) Vinhas, eucaliptos, raros ‘montes’*”. (Proença, 1983, pp. 35). Evidenciava-se pela sua dimensão, pela sua localização e pela relação equilibrada com as características da paisagem em que se inscrevia. E essa evidência tornava-a apetecível social e economicamente. Pela mão de Francisco Simões Margiochi -- nascido a 22 de Dezembro de 1848 e formado agrónomo pelo Instituto Geral de Agricultura -- a herdade do Monte das Flores não fica imune a esta conjuntura. Margiochi, filho de lavradores de modesta fortuna e um elemento externo à elite social local “*procura um modo de agricultura (...) onde atendo-se ao meio agrícola determinado pelas circunstâncias de clima, solo, vias de comunicação, mercados, população (...) se estuda e se tenta melhorar as condições de produção (...) torná-la sucessivamente mais intensa.*” (Matos, 1982, pp. 92)

Da vontade de um novo proprietário, transformam-se os usos e nasce um imponente assento de lavoura que se implanta autónomo relativamente à residência do proprietário. Localizado numa paisagem larga, os componentes da paisagem foram explorados à exaustão justificando a adição de tão grande estrutura de apoio à actividade agrícola bem como a construção de um apeadeiro ferroviário que recebe o nome da herdade.

Lains (2005) explica como se fundou tão imponente assento de lavoura sobre uma herdade que à data de 1890, havia sido cartografada por Pery como sendo explorada por uma diversidade de culturas, destacando-se economicamente a atividade agro-pastoril que, de resto, a existência das estruturas de apoio à pecuária atestam: “*os relatórios dos intendentos da pecuária da região de 1872 testemunham o alargamento da área cultivada nos anos precedentes no inteiror alentejano (Évora e Beja), facto que outra fonte confirma: F. S. Margiochi (1884)*”. (pp. 98-99) e explica ainda que “*a formação de casas como as Fiúza (Évora), Parreira Cortez (Serpa) e Margiochi (Évora) se integra bem na história geral das mudanças fundiárias que ocorreram no Alentejo a partir do século XVIII: a emergência da grande exploração.*”